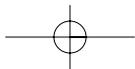
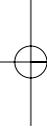


EDUARDO MOGA



Eduardo Moga (Barcelona, 1962) publicou: *Razón de ser*, Cuadernos de INICE, Salamanca, 1992; *Ángel mortal*, Ed. del Sorbal, Barcelona 1994; *La luz oída*, Adonáis, Rialp, Madrid, 1996; *Detrás de mis ojos*, Col. El carro del sol, Zamora, 1997; *La ordenación del miedo*, Col. Trujals, Cambrils, 1997; *El barro en la mirada*, DVD, Barcelona, 1998; *Diez sonetos*, Col. La Borrachería, Zamora, 1998. Um livro de rítmicas prosas memoriosas foi publicado em Lisboa, Edições Tema, 1999, em tradução de Hermínio Chaves Fernandes: *Unánime fuego/Unânime fogo*. O seu livro mais recente, no registo de demarcados poemas em prosa, é *El corazón, la nada*, Bartleby Editores, Madrid, 1999.

Um dos seus livros centrais, *La luz oída*, principia pelos versos que constituem o primeiro excerto a seguir traduzido, «Que dentro há um sol», e termina cerca de oitocentos versos depois, sem qualquer estrofe, no que constitui o segundo excerto traduzido, «Sempre o soubemos». Através de imagens de um contido grau alucinatório, o seu exacerbamento vocábular mantém uma proposta retórica quantitativamente singular no espaço da poesia da época.

Em *El barro en la mirada* há já um conjunto de cinco poemas, apesar de se manterem fiéis ao tamanho longo. (Este procedimento de introduzir alguma distinção entre poemas apesar de tudo longos ainda se mantinha em *Ángel mortal* e é retomado em *La ordenación del miedo*, bem como, obviamente, em *Diez sonetos*.)

Nesses cinco poemas, de que se retirou o último excerto aqui traduzido, reafirma-se a qualidade pletórica da linguagem, a sua magmática conjugação da interioridade com a exterioridade dos seres. É uma vasta meditação, através de imagens abruptamente interligadas, de um discurso de vasto desencadeamento metonímico sobre o mundo natural, sobre o mundo do sujeito e sobre o mundo da palavra literária.

Que dentro há um sol. Como germina no ataúde  
invisível do corpo. Como arreigadamente  
brilha, com que penumbra de assombrado meteoro,  
com que óptima quietude. Alamedas suspensas  
esperam, junto do músculo, que se esvazie o fogo  
que impregna a noite. É a teia, cerrada,  
que regressa; é o raio inverso que revela  
com a sua voz seminal as possibilidades  
do gelo. A cinza dessangra-se. O cereal,  
aproximando-se, procura gargantas onde furtar-se  
às ardentes chuvas, fundamentos para a ponte  
que só os vivos não-de pisar, os inermes,  
os que se curaram. Touros que respiram como arcos  
tensos: ainda não. Acérrimos cavalos  
que optam pelo sismo: não. Água que se vertebrada,  
como um súbito pescoço, ou cravos que a ferem:  
ainda não. Terra sem sexo que oferece  
o seu voo, a sua lentíssima energia, às árvores  
impacientes; penínsulas faltas de sol e omoplatas,  
onde vertiginosos peixes, inacabados  
ainda, ignoram o fluir dos sudários.  
É demasiado cedo para o tempo.

[...]

[...]

Sempre o soubemos: somos erro, erro  
que caminha e constrói pirâmides, erro  
que julga e apedreja e se solidifica  
e reza a Deus e quebra as ancas do vinho.  
E antes de perceber ao nosso redor  
a lentidão com que trabalham os fósseis, muito antes  
de saber que só há um mundo — espera, ser —  
e que o vento que move os plátanos também  
move as nossas correias e que um mesmo escoamento  
luminoso — detém-te — arrasta a gangrena  
e o silício e o pânico e as folhas do ácer  
para um mar em silêncio onde tudo se anula  
e dolorosamente recomeça, muito antes  
de nos darmos conta da nossa radical  
penumbra, construímos a casa dos sabres  
e caímos, cobertos de língua, num nadir  
de destruição, de edemas e de recifes, de gruas,  
de enxertos e suor, de seiva acorrentada,  
com a única ambição de iludir o crónico  
esqueleto, mas indo até ele, vendo-o erguer-se,  
sentindo que se incarna no voo exausto  
do condor e da farinha, na polpa indómita  
dos assassinados, na hérnia do bosque  
que já não vê a luz, que só sente o hálito  
dos astros mais negros, lentamente invocados.